

QUEM FALA NO SILÊNCIO? VIVÊNCIAS E SIGNIFICAÇÕES ENTRE SUJEITOS SOLITÁRIOS NA PANDEMIA

Gabriel Barth da Silva¹

RESUMO: O presente artigo pretende explorar pontos centrais na vivência de sujeitos que residiram de forma solitária, sem compartilhar o ambiente domiciliar, durante a pandemia do Covid-19 no Brasil durante os anos de 2020 e 2021. A pesquisa se deu a partir de entrevistas de cinco participantes, que descreveram, além das transformações de seus cotidianos pela pandemia, suas significações sobre os momentos de estar em silêncio, desde suas concepções sobre o que é estar em silêncio até sobre a função desses momentos em suas vidas. Foi percebido como a experiência do silêncio pode modificar as perspectivas que os sujeitos formavam sobre a própria identidade, e como houve uma reconfiguração de si a partir desse fenômeno. Também foi percebido como, para vários entrevistados, a prática musical se demonstrou central para a experiência do silêncio. Com o trabalho, pretende-se fomentar o debate e promover pontos para o desenvolvimento de possíveis investigações acerca da vivência do silêncio, que foi em geral percebido de forma positiva, e suas potencialidades, na realidade contemporânea. É proposto, também, um debate sobre os limites do que pode ser considerado estar em silêncio.

Palavras-chave: Silêncio; Cotidiano; Estudos culturais; Covid-19; Solidão.

WHO SPEAKS IN SILENCE? EXPERIENCES AND MEANINGS AMONG LONELY INDIVIDUALS IN THE PANDEMIC

ABSTRACT: This article aims to explore central points in the experience of subjects who lived alone, without sharing the home environment, during the Covid-19 pandemic in Brazil during the years 2020 and 2021. The research was based on interviews with five participants, who described, in addition to the transformations of their daily lives due to the pandemic, their meanings about the moments of being silent, from their conceptions of what it is to be silent to the function of these moments in their lives. It was noticed how the experience of silence can change the perspectives that the subjects formed about their own identity, and how there was a reconfiguration of the self based on this phenomenon. We also noticed how, for several of the interviewees, musical practice proved to be central to the experience of silence. The aim of this work is to encourage debate and promote points for the development of possible research into the experience of silence, which was generally perceived positively, and its potential in contemporary reality. It also proposes a debate on the limits of what can be considered being silent.

Keywords: Silence; Everyday life; Cultural Studies; Covid-19; Loneliness.

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná, Mestre em Sociologia pela Universidade do Porto e Graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Atua principalmente em temas envolvendo práticas culturais e emoções. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil. Atua principalmente em temas envolvendo práticas culturais e emoções".

Introdução

O presente trabalho busca compreender como foi vivenciado e quais foram os sentidos atribuídos sobre a vivência de silêncio gerado a partir dos confinamentos da pandemia do Covid-19 em Curitiba-PR, no Brasil. Focalizando em sujeitos que residem de forma solitária na cidade, sem partilhar sua casa com outros indivíduos, busca-se perceber como o silêncio se manifestou na vida da pessoa, quais foram os mecanismos de *coping*² empregados, e quais significados foram atribuídos. Para isso, na sequência será apresentada uma breve revisão de literatura sobre os possíveis significados que podem ser atribuídos à experiência do silêncio, sobre o que o caracterizaria e sobre as diferentes perspectivas que podem ser pensadas sobre o fenômeno. A revisão proposta embasou as questões que serviram de guia para as entrevistas realizadas na coleta de material empírico para a análise. A pesquisa objetiva compreender quais são as características atribuídas ao silêncio pelas próprias pessoas que participaram da entrevista, percebendo qual é a teoria que está sendo produzida e experienciada pelos sujeitos no seu cotidiano.

O silêncio, apesar de algo tão intrínseco na vivência cotidiana, de forma central que atravessa todos os sujeitos, ainda é pouco discutido e explorado no campo acadêmico. É advogado por Corbin (2018) como o silêncio, mais que a abstenção de barulho, foi esquecido pela sociedade, sendo um tema e objeto de medo, sofrendo processos de enfraquecimento de seu significado religioso. O autor percebe a dificuldade do estar em silêncio atualmente, impedindo ouvir reflexões internas, algo aceito em geral na sociedade.

A necessidade de silêncio é reiterada por Fallon (2015) já que, para haver qualquer funcionamento no mundo, deve-se ignorar muito do que se vê e ouve, a concentração, música, poesia, sonhos só existem por conta do silêncio. O silêncio, portanto, de acordo com o autor, demonstra-se de forma fundamental em duas maneiras: de uma abertura subjetiva para os sons presentes sem buscar intenção sobre eles, ou o cessar de sons que não quer ouvir, permitindo ouvir o que se deseja.

A perspectiva do músico John Cage sobre o fenômeno do silêncio pode ser percebida, de início, a partir de sua participação no documentário de Miroslav Sebestik, no qual Cage (1992) expressa como a música possui uma qualidade de comunicação direta para ele, diferentemente do som das ruas e dos automóveis, que ele não percebe a enquanto transmissão

² Em tradução livre, o termo está relacionado com mecanismos para lidar com determinada situação.

de uma fala organizada direcionada para alguém, mas que é um som que possui outras qualidades e funções. O silêncio dialoga, de acordo com sua perspectiva, principalmente pelo tráfego, pela qualidade de nunca ser o mesmo e ser apenas som, algo inerente sobre a vida se considerar seu experimento na *Harvard anechoic chamber*³, em que, ao cessar todo o som do ambiente, ainda havia o som de seu próprio organismo, revelando como o som é inerente ao silêncio (Cage, 2019). Em sua obra intitulada 4’ 33”, Cage (1960) também explora o silêncio a partir de uma composição que consiste nos músicos, em qualquer composição de instrumentos, ficarem em silêncio durante o tempo no título, dando o enfoque nos sons que surgem do ambiente.

Apesar dessas definições, Fallon (2015) reconhece a dificuldade de definição de silêncio em seu contraponto com barulho, já que barulho, ao passo que pode matar alguém em uma vibração de valores em decibéis elevados, também pode permitir o silêncio, possibilitando um estado de concentração do sujeito quando em manifestações específicas. Como apresentam Van Assche e Costaglioni (2012), o silêncio atua como forma de dar completude e vazio, limitando ou gerando uma possibilidade de sentido.

Por conta dessa multiplicidade, é ressaltado por Meyer (2016) como há diversas formas de se fabricar e vivenciar silêncio, seja na política, na religião, na música, na linguagem, etc. Diversos elementos culturais e políticos que atravessam a definição e a vivência de estar em silêncio. Ao discutir, no caso da migração, por exemplo, Levin (2013) resalta como o silêncio possui um fator central na constituição identitária do sujeito, já que ele representa o que ele quer ser representado, o que quer levar do lugar anterior, ou não, sendo sua ausência e presença de significância central na constituição subjetiva do sujeito.

Considerando essa complexidade em torno do termo silêncio, a presente investigação busca compreender os sentidos atribuídos pelos indivíduos em relação a esse conceito pois ele por si só não necessariamente atribui uma qualidade de estado ou sentimento como “tranquilidade”, já que é uma correlação que não necessariamente pode ocorrer na experiência cotidiana com estar em silêncio e sentir-se em paz. Contemplar essa complexidade e multiplicidade de significados que atravessam o fenômeno do silêncio é central ao contextualizá-lo na contemporaneidade, em um mundo que se reconfigura após a pandemia do Covid-19.

Como Manzano et al (2021) apresentam, os confinamentos decorrentes de decisões governamentais que buscavam evitar a proliferação do vírus no local geraram um esvaziamento

³ Uma câmara anecoica consiste em uma sala projetada para isolar fontes externas de ruído enquanto, simultaneamente, busca conter reflexões de ondas sonoras e eletromagnéticas.

das vias públicas da cidade, principalmente pelos incentivos de “ficar em casa”, gerando uma mudança no ambiente acústico das cidades, que diminuíram seus índices de barulho. Além desse fator de maior silêncio na via pública, Corvo e De Caro (2020) ressaltam como os confinamentos transformaram as vidas cotidianas pela presença cada vez maior de casos de solidão, por conta do afastamento de amigos e parentes, sem várias atividades de lazer que envolviam sociabilidade, em conjunto com maior incerteza sobre o futuro.

A pandemia do Covid-19 manifestou diversos fatores que afetaram a vida da população de forma direta no Brasil. O trabalho de Werneck e Carvalho (2020) resalta como houve diversos problemas no enfrentamento da crise sanitária, seja por diferentes estratégias empregadas a nível estadual ou federal, pela crise de emprego ou pelos cortes de gastos públicos e sociais decorrentes de anos anteriores ao da pandemia, houve uma grande fragilização, desinformação e desunião acerca do combate à pandemia. Essa perspectiva é corroborada por Campos (2020), que resalta como o presidente Jair Bolsonaro, durante a pandemia, se opôs ao isolamento da população e contra diversas práticas indicadas por agências sanitárias pelo mundo, como a vacinação, dificultando a atuação de estados e municípios em suas medidas de proteção da população por não haver respaldo federal.

Caponi (2020) resalta como as populações de maior vulnerabilidade social sofreram mais os impactos na realidade brasileira, explicitando como a primeira morte identificada da doença foi de uma empregada doméstica, e da necessidade de solidariedade e apoio social na realidade para proteção e reconstrução social. É explicitado por Silva, Jardim e Santos (2020) como houve uma subtestagem da população durante a pandemia, gerando dados falsos sobre o número de mortos, estimando ser significativamente maior do que o notificado, o que, junto ao fenômeno das *fake news* que ocorreram no país, como estudado por Galhardi et al (2020), levou a um descrédito de pesquisas científicas e instituições de saúde oficiais. No Brasil, houve maior dificuldade por parte da população mais pobre por conta dos impactos econômicos e da insegurança de sustento, como foi apontado por Bezerra et al (2020). Acerca da população que entrou em isolamento social, Lima (2020) ressaltou como houve um grande aumento de mal-estar psicológico, havendo maior demanda de busca por psicólogos e apoio geral em decorrência do impacto na saúde mental.

Metodologia

A pesquisa é de caráter qualitativo, principalmente por conta do seu caráter exploratório acerca de um fenômeno previamente delimitado, como apresenta Creswell (2014). O fenômeno

em questão diz respeito a como o silêncio é vivenciado em momentos que o sujeito encontra-se sozinho, durante a pandemia do Covid-19, a partir da escassez de dados acerca desse objeto de estudo, permitindo levantar questões para aprofundá-las em estudos futuros. Foi estruturado como método de coleta de dados a entrevista semiestruturada, seguindo os princípios de não naturalização do diálogo e da relação social estabelecida no momento da entrevista, o estudo prévio sobre o tópico para obter um maior domínio dos conteúdos que poderiam vir a surgir no diálogo, e no foco de perguntas simples e diretas sobre os tópicos delimitados para coleta dos dados (THOMPSON, 1992; BOURDIEU, 1996).

Não dispondo dos recursos para uma pesquisa de longo prazo focalizada na análise do discurso acerca da perspectiva de sujeitos cotidianos sobre seus momentos em silêncio, foi delimitada uma amostra por intensidade, como defende Patton (1990), para explorar o fenômeno de forma aprofundada a partir de um menor número de indivíduos entrevistados. Para realizar esse objetivo, foi determinado enquanto público-alvo para investigação indivíduos que residem de forma solitária (sem agregado familiar e sem compartilhar residência com qualquer outra pessoa) em Curitiba-PR durante a pandemia do Covid-19.

O método para análise foi estruturado em torno das diretrizes propostas por Yin (2001) para estudo de caso, sendo que a análise das entrevistas realizadas seguiu o guia de entrevista semiestruturada. O convite para participação da pesquisa se deu por *posts* em redes sociais, nomeadamente no Instagram, e contato via Whatsapp em caso de indicações realizadas para os investigadores. Antes da realização da entrevista, foi explicado seu propósito de forma clara, sendo requisitada a autorização para gravação desta, tratamento dos dados coletados e consequente publicação da investigação, sendo possível optar pela alteração de seu nome para garantir o anonimato quando preferível. Cada participante foi entrevistado separadamente na plataforma de comunicação audiovisual Zoom.

Resultados

Foram efetuadas cinco entrevistas no total, com entrevistados que residem principalmente na região Sul e Sudeste do Brasil. Todas as entrevistas foram realizadas com a aprovação dos entrevistados, sendo respeitado o direito de ter o nome anonimizado. Os perfis dos entrevistados podem ser percebidos na Tabela 1.

Tabela 1. Caracterização dos entrevistados.

Entrevista	Caracterização
1	Alana (nome anonimizado), mulher de 24 anos, que possui ensino superior completo, é estudante, reside em Curitiba-PR, é solteira autoidentificou como branca de classe média.
2	Giovana (nome anonimizado), mulher de 29 anos, que possui mestrado incompleto, é psicóloga, reside em São Paulo-SP, é solteira e se autoidentificou como branca de classe alta.
3	Sofia (nome anonimizado), mulher de 32 anos, que possui ensino superior completo, é designer, reside em Curitiba-PR, é solteira autoidentificou como branca de classe baixa.
4	João (nome fictício), homem de 20 anos, que possui ensino superior incompleto, é estudante, reside em Curitiba-PR, r ealizando, no momento da entrevista, um intercâmbio em Parma, na Itália, é solteiro e se autoidentificou como branco de classe média.
5	Miguel (nome fictício), homem de 21 anos, que possui ensino superior incompleto, é estagiário, reside em Itapema-SC, é solteiro e se autoidentificou como branco de classe média-alta.

O debate acerca dos conteúdos das entrevistas seguirá a linha condutora estabelecida pelo roteiro de entrevistas, a partir de pontos centrais nos discursos dos entrevistados. Após a apresentação desses pontos pelos excertos de falas transcritos, seguir-se-á discussão, que pretende explorar alguns pontos possíveis de investigação para compreensão da vivência do silêncio na realidade contemporânea.

Cotidiano antes da pandemia

Os entrevistados, na sua totalidade, moravam sozinhos antes do início da pandemia do Covid-19 ocorrer no Brasil, o que possibilitou a compreensão de seus cotidianos antes dos confinamentos. Até a data de realização das entrevistas, todos os entrevistados moravam a sós há, pelo menos, dois anos.

Acerca dos cotidianos pré-pandêmicos, foi possível identificar que, de formas diferentes, todos eram atravessados por contatos com outras pessoas rotineiramente, seja por trabalho ou lazer. Essa intencionalidade do contato social, e suas diferenças, podem ser percebidas a partir dos relatos de Giovana e Sofia:

Eu passei 2018 e 2019 atendendo em um consultório de sublocação, então eu saía de casa quando eu tinha que atender nesse consultório, mas eu

basicamente trabalhava sozinha né? Eu estudava em casa porque como não tinha consultório meu, então eu ficava em casa. E enfim, eu saía com os amigos fins de semana, não eram todos os fins de semana, sei lá, vamos dizer que eu saí ali duas, três vezes por mês, e eu saía sozinha também. Eu saía bastante sozinha no cinema, para almoçar, jantar, enfim, eu sempre almocei em restaurante, odeio cozinhar, então eu sempre tive essa experiência de almoçar fora, então por mais que eu estivesse sozinha, eu tava sempre vendo pessoas, assim (Giovana, entrevista realizada em Julho/2021).

Eu tinha tipo convivência com muitas pessoas por sempre ter morado dividido, né? Saí de casa com 21, hoje tenho 32, então já fazem uns dez anos aí pelo menos que eu saí de casa, fui morar, passei com outras pessoas, então aquilo movimentava amigos, movimentava tudo, e trabalho também, né? Saía de casa pra trabalhar, a vida se movimenta e tal, a gente nunca tá assim completamente sozinho, e a minha vida foi sempre movimentada, cheia de gente também. Claro que eu tinha meus momentos de ficar sozinha porque é bom, eu gosto, sempre gostei de ficar sozinha em algum momento, tipo passar às vezes no final de semana em casa, mas isso não era regra, sabe? (Sofia, entrevista realizada em Julho/2021).

Sobre os contatos de forma virtual, havia uma maior tendência de falar com pessoas que estavam impossibilitadas de falar de forma presencial, principalmente, no caso dos entrevistados que moravam em cidades diferentes da família ou de pessoas significativamente afetivas. Sofia e Giovana responderam de forma diferencial sobre esse caso, demonstrando tendências opostas sobre esse hábito:

[Sobre manter contato virtual] Com algumas pessoas específicas. Com a minha mãe a gente já fazia chamadas, e eu tenho três amigas que quase sempre moraram em lugares diferentes dos meus. Eu tenho uma que mora em Porto Alegre, tem uma que eu conheci em Floripa (Florianópolis) na faculdade, mas ela atualmente mora no Rio de Janeiro, já tava antes da pandemia, e uma outra amiga minha desenvolve pesquisa no Japão. Então, com essas pessoas, eu já falava virtualmente com bastante frequência, mas só com elas (Alana, entrevista realizada em Julho/2021).

Eu não tinha muito hábito de falar com pessoas assim não, por WhatsApp sim, por Instagram principalmente, aquela conversa meio superficial assim, mas não tinha esse hábito de videochamada de tal, eu achava meio nada a ver (Giovana, entrevista realizada em Julho/2021).

É uma coisa que foi escalando assim, né? Nas nossas vidas, e com certeza, falava bastante com as pessoas virtualmente (Sofia, entrevista realizada em Julho/2021).

Essas perspectivas e vivências são importantes para pontuar e mapear como as sociabilidades dos sujeitos entrevistados estruturavam-se antes das mudanças decorrentes da pandemia do Covid-19. A partir delas, é possível perceber como as relações com outras pessoas afetivamente significativas se davam cotidianamente com proximidades e distanciamentos de

contatos físicos. Essa compreensão é importante para, em seguida, elaborar as transformações do cotidiano a partir dos confinamentos.

Mudanças pandêmicas

Acerca das mudanças de rotina, o relato de Alana permite perceber como vários de seus contatos sociais de forma rotineira foram afetados pelo confinamento:

Acho que o que eu mais sinto falta é de aula presencial, dessa rotina de sair de casa, sair sabendo qual aula que eu vou ter, qual livro que eu devia ter lido. Essa rotina me faz muita falta. E aí, fora disso, dança de salão mesmo, porque por dez anos dançando forró, quase toda sexta-feira, e aí de repente você não pode mais sair (Alana, entrevista realizada em Julho/2021).

No caso de Giovana, há uma correlação muito maior com sentimentos de solidão decorrentes da pandemia, seguindo uma tendência que vinha desde antes do início da pandemia, como expressa:

Eu acho que “solidão”. E acho que mais do que solidão assim, é um total encarceramento assim nele, eu me senti bastante encarcerada [...] eu acho que foi um encarceramento autoimposto, não sei, acho que também tem um pouco a ver com todo o momento que eu vinha, que eu vinha vivendo anterior sabe? Eu acho que de alguma forma também pra mim funcionou como uma desculpa pra pra me manter protegida de algo. No final do ano eu tava muito, muito, muito internalizada, o carnaval foi quase que um retiro espiritual assim pra mim, eu fui pra praia e tipo eu ficava dentro do quarto assim, então tava tipo muito, muito internalizada mesmo, e aí era o momento que eu tava tipo voltando pro mundo e veio a pandemia. Então eu tava nesse movimento de retomar um movimento pra fora e veio a pandemia, e eu acho que eu me acomodei nisso, sabe? (Giovana, entrevista realizada em Julho/2021).

É expressado por Sofia que houve sentimentos derivados do medo em decorrência da pandemia, seja pela doença ou por notícias vinculadas sobre o Governo Federal, se afetando de forma mais incisiva sobre o tópico:

Fiquei com medo da doença assim, tipo, fiquei preocupada em pegar, ou passar pra outras pessoas, então esse sentimento às vezes era muito forte, assim. Senti muitas coisas também como a questão política, você tá na inércia assim em muitas informações o dia todo, o que te faz diferente da nossa forma de lidar antes, muito por conta de não nos impactar, né? Por muitas coisas não nos impactavam diretamente, então a gente não se sentia tão afetado assim (Sofia, entrevista realizada em Julho/2021).

Além disso, é mostrado por Sofia como a realidade é criada a partir dos diálogos entre sujeitos, e como essa dinâmica não é transmitida para a realidade virtual:

Eu acho que tem um pouco, assim da nossa da construção de si e no poder da palavra de transformar as coisas, né? Então quando você tá nessa vida em que

you have a convivio with the people, you end up talking a lot, and you end up talking about yourself, listening, about the others, and you end up building things with the people, right? Type the ideas and movements and things that you will do together, and that, which does not happen online (Sofia, interview conducted in July/2021).

In the case of João there was a greater approximation of virtual contacts that did not occur previously, however, this did not happen in a way equivalent to comparison with contacts before the pandemic:

I think that with certainty a contact with people that I had at the faculty, in an academic environment, increased via WhatsApp, anything that I did not talk about before I started talking through applications, but talking about connecting and putting the topic in the day, focusing, talking about interests, having those moments, I decreased (João, interview conducted in July/2021).

Perceiving these different moments, the conversations continued to understand, in the daily, what would be identified as moments of silence and, in sequence, their possible meanings for the interviewees.

Conceitualização de silêncio

In the case of Alana, following the line that the interviewee established from her relationship with dancing, the experience of music emerges as a central factor in the definition of silence in her life. She explains:

It is a silence of total absence of sound, which is something that happens very rarely, but it is something that still allows you to be in that situation, or it is a silence related to the absence of music, these are the two places that I think of in silence. It is total absence, or it is absence of music, because here I consider this type of conversation that we are having, even disregarding our voices, I do not consider a moment of silence because I still hear the rain, the bus on the street and my cats (Alana, interview conducted in July/2021).

This is explored when defining in which moments she considers being in silence in her life, which is defined as:

When there is no music, when I am not with any media, or at least actively with any media, right? Type, I did not go there and I decided on music or I decided to talk to someone about this, a media that involves the ears, I will be like that, I think that is better, right? When there is no media that involves the ears, and when I feel calm. After that, when people talk about talking I ended up thinking about this, right? When I feel calm in silence, and type, I do not feel calm in a type of silence when I am reading, for example, because someone came to be with me, I feel calm but not in silence. But when I am only existing at home, there is no media, I am hearing the sounds of the universe, but I am

calma e sem nenhuma coisa eu me sinto em silêncio (Alana, entrevista realizada em Julho/2021).

Enquanto isso, Giovana possui uma perspectiva voltada para a cognição ao definir estar em silêncio, estando atrelada, principalmente, sobre como seu fluxo de pensamento se dá. Isso pode ser percebido na citação a seguir:

Eu não sei o que é silêncio, porque eu não sei se minha cabeça fica em silêncio em algum momento, sabe? Mas eu acho que silêncio talvez seja um fluxo de pensamentos não caótico, sabe? Eu acho que é isso, eu acho que é um fluxo ordenado de pensamento [...] eu acho que assim, o que determina o silêncio é a ausência de fala, então é preciso ter um comportamento, ou um não comportamento no mundo, né? Que é o não falar, mas eu acho que o silêncio absoluto, sem qualquer tipo de pensamento, ele é a morte, daí ele não existe. Então eu acho que é isso assim, eu acho que é tipo não ter um desordenamento gigante dentro da cabeça a ponto de se perder, sabe? (Giovana, entrevista realizada em Julho/2021).

Apesar desse início de não saber o que é, no desenvolvimento de seu discurso, além de mapear melhor sua relação com silêncio, Giovana pontua outro fator que surgiu na fala de Alana, mas que no caso dela é utilizada como ferramenta para estar em silêncio: a música. É elaborado:

Eu não sei se eu fico em silêncio, eu acho que eu tô sempre buscando, não que eu esteja buscando conflito, mas eu tô sempre me questionando alguma coisa que necessariamente gera alguma atenção, e eu tenho medo um pouco do silêncio. Por mais que eu seja uma pessoa que mora muito tempo sozinha e tenha passado muito tempo sozinha, o silêncio não acontece. Aliás acontece, quando eu ouço música eu silencio, eu desligo (Giovana, entrevista realizada em Julho/2021).

No caso de João, a música também surge em seu discurso de definição sobre o silêncio, mas ela atua principalmente enquanto um exemplo de estímulo intencional gerado pelo sujeito, que impediria gerar um estado de silêncio pessoal. Isso fica expresso em:

Eu acho que silêncio é um momento que às vezes acho que é difícil ter, mas não é só a ausência de conversar com outra pessoa, de ficar só no teu pensamento, eu acho que talvez é também ficar sem escutar nenhuma música, sem ficar, não sei, sem sons, sabe? Atividades que de certa forma você tá pensando racionalmente, eu definiria silêncio como aquele momento que tá realmente só eu e o ambiente [...] um momento onde a mente fica de certa forma uma maneira seguindo um fluxo natural dela, e não um fluxo induzido de uma outra fonte. (João, entrevista realizada em Julho/2021).

Após contemplar essas definições, foi explorado como esses momentos, então, atuavam na vida cotidiana pandêmica.

Função dos momentos em silêncio na vida pessoal

No caso da Alana, o silêncio torna-se um local de organização pessoal, parando e percebendo a si mesma. Isso pode ser percebido em:

O silêncio é um lugar de descanso pra mim, de respirar, de voltar a entender como tem alguma coisa na cabeça que não para, e tal. Então pra mim o silêncio ele tem esse lugar de conforto mesmo (Alana, entrevista realizada em Julho/2021).

Ao ser indagada se sentia-se enquanto a mesma pessoa de momentos estando ou não em silêncio, a entrevistada elaborou:

Eu me percebo muito parecida de modo geral assim, mas agora que você perguntou eu lembrei do passado, e no passado eu sentia isso. Antes da pandemia eu acho que eu tinha isso. Eu acho que eu até falava que eu era outra pessoa quando eu ia acampar, por exemplo, quando eu ia fazer uma trilha assim. Eu acho que eu sentia isso de uma forma muito mais impactante do que agora, agora eu consigo entender porque que eu sou do jeito que eu sempre fui quando eu penso em silêncio, porque eu sou do jeito que eu sou agora em silêncio, e porque eu sou do jeito que eu sou quando eu não tenho silêncio. Parece que é mais coerente, sabe? (Alana, entrevista realizada em Julho/2021).

O relato de Miguel remete suas experiências pré-pandêmicas ao falar sobre o que, para o entrevistado, caracteriza estar em silêncio. Ao seu ver, estar em silêncio está muito vinculado com contatos sociais, acima dos estímulos externos. Isso é explicitado na passagem:

Eu acho que é quando a gente não tem contato com ninguém, quando a gente tá meio isolado assim, tanto fisicamente quanto emocionalmente [...] eu tomo café da manhã sozinho, eu almoço sozinho, eu ando sozinho, eu assisto minhas aulas sozinho, eu vou caminhar domingo na praia sozinho, eu saio pra comer sozinho, então já é basicamente o meu dia a dia (Miguel, entrevista realizada em Julho/2021)

Essa diferença de vivência pode ser percebida quando o entrevistado pondera acerca da sua vivência do silêncio antes de dormir, durante seu cotidiano antes do confinamento, em que revela uma maior apreensão e sentimento de “falta”:

Cara, eu sentia falta de alguma coisa. Sentia falta de talvez alguém pra conversar, eu não sei se é porque eu era ou eu sou o tipo de pessoa que conversa, que gosta de estar em contato com todo mundo, que gosta de saber que os outros sentem a minha presença, seja por mensagem, seja postando uma foto, seja fazendo alguma coisa, sabe? E eu sempre era assim, muito dependente, eu acho, da atenção dos outros [...] eu acho que na verdade é um aprendizado, a gente tem que aprender, e depois que tu aprende assim é prazeroso, chega a ser prazeroso, sabe? (Miguel, entrevista realizada em Julho/2021).

Essa vivência do silêncio gerou, para Miguel, um maior sentimento de independência, pela via do contato consigo mesmo, como ele elabora:

Eu acho que foi um processo, né? Veio a pandemia a gente ficou mal, pelo menos eu fiquei mal, fiquei, a gente ficou isolado, e os primeiros meses foram muito ruins, eu tentava pensar que: “ai, vai durar só uns meses, uns dias aí, umas semanas”, e depois eu vi que não ia durar, e piorava só, e piorava, e cada vez mais sozinho, daí a gente vira uma chave, né? Na cabeça, tipo assim: “cara, vai ser isso aqui”. Outros se acostumam, outros, sei lá, voltam pra casa dos pais, e eu me obriguei a me acostumar, e nesse processo todo eu me descobri uma pessoa muito mais independente. (Miguel, entrevista realizada em Julho/2021).

No caso de Giovana, retomando os temas previamente apresentados, a entrevistada relata como, a partir da música, há uma organização dos seus fluxos de pensamento a partir da atenção na canção. Em contraponto, outra forma de entrar em silêncio é a partir da expressão pela escrita, expressando o que está sendo continuamente vivenciado na sua cognição. Isso é externalizado em:

Eu acho que quando eu tava muito caótica por dentro, muito não em silêncio comigo, eu ouvia música, e música meio que vai me desligando assim, sabe? Eu começo muito prestando atenção lá na música, até que eu já não sei mais o que que eu tô ouvindo. Então eu acho que esse foi um recurso assim que eu usei bastante na pandemia, que talvez eu use desde sempre, pra desligar mesmo assim a cabeça, sabe? [...] acho que na pandemia eu passei a escrever mais, e aí eu acho que junta as duas coisas, a música e a escrita. Porque a escrita é um jeito de gritar, então é um jeito de sair desse silêncio, mas é também gritando que o silêncio é possível, porque a partir do momento que eu tiro o que precisa sair de dentro de mim que eu posso me concentrar em outra coisa e viver esse silêncio assim, porque já não tem nada gritando dentro, sabe? (Giovana, entrevista realizada em Julho/2021).

No caso de Sofia, os momentos em silêncio se dão a partir de um contato consigo mesma, como um diálogo. De acordo com a entrevistada, esse diálogo pode ser positivo ou negativo, dependendo dos conteúdos que o sujeito possui para dialogar, como fica perceptível em:

Eu crio imagens, e tem uma voz interior. Então, eu tô o tempo todo falando internamente, mas eu não sei lá. Tipo, isso é positivo se você tem uma cabeça boa pra vida, seus próprios pensamentos, né? Mas pode ser negativo [...] Por exemplo, no meu caso eu não tô sofrendo tanto assim sabe? Tem sido uma experiência que eu tô tentando viver da melhor forma, e tipo, parece que hoje em dia virou uma subversão você respeitar esse momento (Sofia, entrevista realizada em Julho/2021).

Para João há a utilização do silêncio enquanto ferramenta, bem como utiliza-se da música, também, como instrumento para atingir certos estados de humor e pensamentos:

Como eu tava escutando bastante música italiana por causa do intercâmbio, eu botava e, assim, foi um período um pouco frustrante, que eu tava sempre pensando: “eu preciso passar nesse programa de intercâmbio”, daí depois foi: “eu preciso resolver o visto”, depois: “eu preciso conseguir viajar”. tipo. diversas ansiedades. Em um sentido às vezes bom de ansiedade, de você ficar ansioso pra alguma coisa, mas às vezes num sentido ruim. E a música italiana de alguma forma condicionava o meu pensamento a: “não, vai dar tudo certo” ou em alguns momentos: “você tá ferrado, precisa resolver isso”. Então se escutava outro ritmo de música, era condicionado pra um outro modo, e em silêncio, com certeza pelo menos eu pensava de um modo diferente, talvez, deixa eu ver se eu consigo colocar em palavras, no modo mais harmonioso, às vezes (João, entrevista realizada em Julho/2021).

De acordo com João, esses momentos de busca por silêncio aumentaram por conta da pandemia, principalmente pela falta de transições entre espaços físicos, como em momentos no carro, que permitiam exercitar essa ferramenta. O entrevistado elabora:

Quando eu tô mentalmente estressado e cansado, eu acho que a rotina normal, saindo de casa propiciava momentos de não exatamente silêncio mas de um relaxamento mental, tipo, dirigindo até a universidade, dirigindo até o mercado, em transporte. Eu acho que nesses momentos eram momentos que eu conseguia relaxar e focar no que tava em volta, também no que eu tava pensando. Eu acho que ficando muito tempo em casa, vivenciando sempre a mesma paisagem da casa, sempre a mesma janela, era sempre as mesmas cores. Eu sinto que tem momentos que eu penso que ou vou deitar, me alongar, fazer alguma coisa que eu consiga só ficar parado, né? Olhando pra nada, e eu sinto que essa necessidade aumentou (João, entrevista realizada em Julho/2021).

Estando atualmente em um intercâmbio, o entrevistado discorreu sobre as diferenças entre o silêncio em Curitiba e em Parma, na Itália, que são acompanhados de maiores tensões:

Acho que em Curitiba os momentos de silêncio eram mais momentos de conforto, eu tava no meu apartamento, na minha casa, que era 100% meu. Eu já tava acostumado, e acho que aqui os momentos em silêncio às vezes são também confortáveis, necessários, mas às vezes serve um pouco pra ecoar dentro da mente algumas coisas. Eu cheguei fazer duas semanas, e eu tava pensando muito em fazer amizades, porque o meu irmão fez intercâmbio e pra ele foi uma experiência super boa, ele como uma pessoa extrovertida relatava amizades e como importante tinha sido bom pra ele. Em alguns momentos eu penso: “mas será que eu não devo sair de casa?” Conhecer pessoas, essas coisas (João, entrevista realizada em Julho/2021).

Por fim, foi relatado também como há um fator tecnológico sobre a existência ou não de momentos em silêncio. Isso foi descrito por João acerca de sua relação com música, central na sua vivência cotidiana, como foi explicitada previamente, pela falta, por exemplo, de caixas de som:

Eu escutava a música o dia inteiro, e aqui eu me obrigo a escutar só no fone de ouvido, então quando eu canso, eu me obrigo a ficar num silêncio sem música. Em alguns momentos eu sinto me obrigar a ficar num silêncio que eu não tava acostumado, numa quantidade de tempo que eu não tava acostumado, que é devido à falta uma tecnologia às vezes (João, entrevista realizada em Julho/2021).

Considerando essas leituras individualizadas acerca do silêncio, e da sua função na vida subjetiva, as entrevistas foram finalizadas com relatos acerca de como sentem que o seu meio social vivencia os momentos em silêncio.

Discussão

São diversos os pontos de análise possíveis acerca do material disposto na presente investigação. Em uma multiplicidade de vivências, com pontos comuns e divergentes, é possível perceber como a percepção acerca do que é silêncio e como vivenciá-lo, ou apropriá-lo na realidade cotidiana, é diversa e multifacetada a partir da experiência do sujeito.

Alguns elementos narrativos podem ser identificados como potenciais de investigações. No caso de Alana, ao estruturar no seu discurso que sentia que antes tornava-se uma outra pessoa nos seus momentos de silêncio, mas que atualmente sente ser a mesma pessoa, é um ponto de início possível para estruturar um debate acerca de como o silêncio permite ao indivíduo entrar em contato com a multiplicidade identitária. No silêncio houve uma nova resignificação na sua relação consigo mesma, percebendo no ato narrativo de si uma diferença com uma imagem própria no passado. Essa imagem no passado é criada para distanciar um si mesmo atual de alguém que deixou de ser. Cria-se uma identidade, portanto, não apenas de uma diferença para outras pessoas, mas também a partir de uma narrativa de si passada que se transforma a partir do ato de silêncio que abre a possibilidade dessa constituição narrativa. Há novas possibilidades e significações possíveis para o eu, abrindo novas possibilidades identitárias por conta desse ato que se dá a partir do silêncio.

Em conjunto com esses relatos, a multiplicidade identitária que surge no silêncio pode ser identificada no relato de Miguel, em que sempre há uma dinâmica entre o “a gente” e o “eu”. Essa dinâmica pode ser percebida ao longo dos excertos de sua fala, o que reitera os aspectos de multiplicidade identitária defendido por Hall (2021), em que a identidade concisa e finalizada é uma fantasia, havendo diversas identidades possíveis que são continuamente negociadas pelos próprios indivíduos.

Além desses fatores, a música surge como um ponto central em alguns discursos. Seja pela música que organiza o fluxo de pensamento para estar-se em silêncio, como no caso de

Giovana, ou como forma de atingir humores específicos para lidar com suas vivências, como apresenta João. Por conta disso, os trabalhos de DeNora (1999, 2000, 2017) auxiliam na elucidação desse fenômeno, já que a pesquisadora percebe as potencialidades do uso de música enquanto ferramenta, seja para constituição identitária ou para chegar a humores específicos.

Como previamente explorado por Cage (1992, 2019), os ambientes das casas dos participantes, sejam os quartos em que realizaram as entrevistas pela via *online* ou que vivenciam no seu cotidiano, também possuem qualidades específicas de som, que surgem de forma orgânica e são vivenciados e significados pelos indivíduos. Seja o som do próprio organismo ou da rua, diversos sons atravessam e configuram a vivência desses sujeitos, ocorrendo, portanto, a instrumentalização de diversas ferramentas para chegar na sua própria concepção de silêncio. A organização dos sons pela via da música é, nesse caso, um exemplo possível.

Um importante contributo para compreender essas dinâmicas em torno do resultado que advém dos sons não organizados, tidos como barulho, pode ser identificado no trabalho de Thompson (2014), ao perceber que o barulho não surge como algo que perturba um estado prévio de calma e paz, mas como ele é exatamente um princípio para a organização de sentido. Os ruídos cotidianos podem ser vivenciados, nesses casos, com maior atenção, considerando os diversos elementos dessa categoria existentes no cotidiano que muitas vezes não são ouvidos ou percebidos. Considerando as dinâmicas mais propícias para ouvir esses barulhos e, conseqüentemente, entrar em um estado de silêncio, é possível realçar o potencial dessas dinâmicas em torno do sentido originado desse estado. Essa perspectiva realça as conclusões realizadas por Voegelin (2010), em que o silêncio, não é a ausência de som, mas o começar a ouvir verdadeiramente, percebendo sons a partir da própria subjetividade junto ao ambiente, não buscando percebê-los ou julgá-los por outra compreensão, evitando sua tradução de uma perspectiva prévia, mas produzindo sentido pela sua forma própria. Considerando os significados atribuídos pelos entrevistados, essa pode ser uma forma de compreender um ponto comum a partir de suas diversas vivências e concepções de silêncio.

Perceber essas atividades musicais e as dinâmicas de som no espaço privado da pessoa é de imensa importância, como ressalta Flügge (2020), pois permite perceber a participação consciente da pessoa em moldar os sons de seu ambiente em uma atividade mental e corporal, significando um espaço cada vez mais vivenciado em decorrência dos isolamentos sociais. As novas tecnologias, como apresentam Pontara e Volgsten (2017) permitem maiores possibilidades criativas e de invenção no cotidiano, gerando uma experiência individualizada pessoal e flexível para as demandas do indivíduo.

Independente do caso, o silêncio torna-se um local de organização e deparar-se consigo mesmo para todos os entrevistados. A vivência pandêmica gerou uma maior dificuldade inicialmente em vivenciar e dialogar com esse silêncio, porém, no decorrer do tempo, há uma perspectiva de que esse fenômeno permitiu um maior contato com conteúdos próprios, seja nomeando-o como harmonia ou organização. O silêncio, em geral, é percebido como algo indispensável na vivência cotidiana, ao mesmo tempo que esse silêncio é conceitualizado, muitas vezes, enquanto algo que envolve uma atividade, como a prática musical, divergindo de propostas teóricas como as de John Cage enquanto qualidade de nunca ser o mesmo e de não ser organizado, como ocorre nas apresentações da obra 4’33”. Mais do que gerar um debate sobre se o silêncio foi experienciado ou não, a depender da conceitualização gerada acerca desse fenômeno, é importante promover a reflexão sobre quais são os referenciais que estão sendo construídos nas experiências das pessoas sobre o que é estar em silêncio, e como esse silêncio pode constituir a realidade cotidiana. Deve-se ir além de partir de marcos teóricos gerais para analisar a realidade a partir de um encaixe da teoria no material empírico, e sim perceber como as próprias teorias são formuladas e vivenciadas pelas pessoas no seu dia-a-dia.

Considerações finais

É possível perceber como, a partir do presente estudo, o silêncio demonstra-se como potencial de investigação da realidade contemporânea. Atores sociais conceitualizam e vivenciam o silêncio a partir de diversos traços que compõem sua história de vida e, conseqüentemente, sua perspectiva social. Portanto, ressalta-se a importância do desenvolvimento de investigações que contemplem outras populações e identidades, de outras regiões e traços sociais, para auxiliar na elucidação de como o silêncio é representado, interpretado e compreendido nas diversas realidades brasileiras.

Independente do caso, o silêncio é apropriado como força criativa cotidiana, de imensa relevância para os atores sociais. As formas de vivenciar o silêncio são multifacetadas, junto com suas definições, porém, independente do caso, demonstra-se uma importância singular na sua vivência como forma de organização dos conteúdos que provém da realidade e vivência social. O silêncio nunca é vazio, e nele falam as diversas experiências que atravessam a realidade social dos sujeitos que o vivenciam.

Referências

BEZERRA, A. C. V., SILVA, C. E. M. D., SOARES, F. R. G., SILVA, J. A. M. D. 2020. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 2411-2421.

BOURDIEU, P. 1996. Understanding. *Theory, Culture & Society*, 13(2), 17-37.
<https://doi.org/10.1177/026327696013002002>

CAGE, J. 1960. *4' 33"*. New York: Edition Peters.

_____, J. 1992. *Écoute*. Direção de Miroslav Sebestik. Paris: JBA Production.

_____, J. 2019. *Silêncio: Conferências e escritos de John Cage*. Rio de Janeiro: Editora de Livros Cobogó.

CAMPOS, G. W. S. 2020. O pesadelo macabro da Covid-19 no Brasil: entre negacionismos e desvarios. *Trabalho, Educação e Saúde*, 18.

CAPONI, S. 2020. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. *Estudos Avançados*, 34, 209-224.

CORBIN, A. 2018. *A history of silence: from the renaissance to the present day*. John Wiley & Sons.

CORVO, E., DE CARO, W. 2020. COVID-19 and spontaneous singing to decrease loneliness, improve cohesion, and mental well-being: An Italian experience. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 12(S1), S247. <https://doi.org/10.1037/tra0000838>

CRESWELL, J. W., CRESWELL, J. D. 2017. *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. Sage publications.

DENORA, T. 1999. Music as a technology of the self. *Poetics*, 27(1), 31-56.
[https://doi.org/10.1016/S0304-422X\(99\)00017-0](https://doi.org/10.1016/S0304-422X(99)00017-0)

DENORA, T. 2017. *Music-in-action: Selected essays in sonic ecology*. Routledge.

_____, T. 2000. *Music in everyday life*. Cambridge University Press.

FALLON, M. 2015. The Other Side of Silence. *New England Review (1990-)*, v. 36, n. 4, p. 159-171.
<https://doi.org/10.1353/ner.2015.0137>

FLUGGE, E. 2011. The consideration of personal sound space. *Journal of Sonic Studies*, 1(1).

GALHARDI, C. P., FREIRE, N. P., MINAYO, M. C. D. S., & FAGUNDES, M. C. M. 2020. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 4201-4210.

HALL, S. 2021. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Lamparina.

LEVIN, I. 2013. Silence, memory and migration. *Journal of Comparative Family Studies*, v. 44, n. 6, p. 715-723. <https://doi.org/10.3138/jcfs.44.6.715>

LI, H. 2001. Silences and silencing silences. *Philosophy of education studies yearbook*, p. 157-165.

LIMA, R. C. 2020. Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 30.

- MAJORS, Y. 2017. Silence as Indicator of Engagement. *Journal of Adolescent & Adult Literacy*, v. 61, n. 1, p. 91-93. <https://doi.org/10.1002/jaal.673>
- MANZANO, J. V., PASTOR, J. A. A., QUESADA, R. G., ALETTA, F., OBERMAN, T., MITCHELL, A., KANG, J. 2021. The "sound of silence" in Granada during the COVID-19 lockdown. *Noise Mapping*, 8(1), 16-31. <https://doi.org/10.1515/noise-2021-0002>
- MEYER, M. 2016. A space for silence: exhibiting and materialising silence through technology. *cultural geographies*, v. 23, n. 2, p. 321-336. <https://doi.org/10.1177/1474474015588708>
- PATTON, M. Q. 1990. *Qualitative evaluation and research methods*. SAGE Publications, inc.
- VOLGSTEN, U., PONTARA, T. 2017. Domestic space, music technology and the emergence of solitary listening: Tracing the roots of solipsistic sound culture in the digital age. *Svensk tidskrift för musikforskning*, 99(1), 105-123.
- SILVA, G. A., JARDIM, B. C., SANTOS, C. V. B. D. 2020. Excesso de mortalidade no Brasil em tempos de COVID-19. *Ciencia & saude coletiva*, 25, 3345-3354.
- THOMPSON, M. S. 2014. *Beyond unwanted sound: noise, affect and aesthetic moralism*. Tese (Doutorado) - Newcastle University, Newcastle.
- THOMPSON, P. R. 1992. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- VAN ASSCHE, K., COSTAGLIOLI, F. 2012. Silent places, silent plans: Silent signification and the study of place transformation. *Planning Theory*, 11(2), 128-147. <https://doi.org/10.1177/1473095211421086>
- VOEGELIN, S. 2010. *Listening to noise and silence: Towards a philosophy of sound art*. Bloomsbury Publishing USA.
- WERNECK, G. L., CARVALHO, M. S. 2020. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada.. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(5).
- YIN, R. K. 2001. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Bookman.